

**“E FORAM INFELIZES PARA SEMPRE”: ASPECTOS DO
HOMOEROTISMO NO CONTO *AQUELES DOIS*, DE CAIO
FERNANDO ABREU**

***“AND THEY WERE UNHAPPY FOREVER”: ASPECTS OF
HOMOEROTICISM IN THE STORY *AQUELES DOIS*, BY CAIO FERNANDO
ABREU***

Rodrigo Manoel da Silvaⁱ

Resumo: O presente artigo analisa o conto *Aqueles dois*, publicado no livro *Morangos mofados* (1983), de Caio Fernando Abreu, investigando a configuração do homoerotismo no período da ditadura militar brasileira, representados na diegese em questão. Tratando-se de um tema que ainda enfrenta tabus, tal questão ganhou mais destaque na esfera literária, sobretudo por obras de escritores como Caio Fernando Abreu, Victor Heringer, João Silvério Trevisan, Hilda Hilst, João Gilberto Noll, Cassandra Rios, dentre outros, que, por muito tempo, foram esquecidos pelos cânones acadêmicos, principalmente pelo tratamento a temas polêmicos e, não obstante, difíceis de serem abordados pela sociedade. Nesse sentido, *Aqueles dois* reflete sobre o contexto político pelo qual passava o país, momento esse de grande perseguição e desconfiança entre as pessoas, devido à repressão da ditadura militar, criando, por meio de uma narrativa sensível e simbólica, uma relação homoerótica balizada pelos seguintes eixos: o olhar, o silêncio e, por último, a solidão.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu; *Aqueles dois*; Ditadura; Homoerotismo; Sexualidade; Homoafetividade.

Abstract: *This article analyzes the short story *Aqueles dois*, published in the book *Morangos mofados* (1983), by Caio Fernando Abreu, investigating the configuration of homoeroticism in the period of the Brazilian military dictatorship, represented in the diegesis in question. Since this is a topic that still faces taboos, this issue has gained more prominence in the literary sphere, especially in the works of writers such as Caio Fernando Abreu, Victor Heringer, João Silvério Trevisan, Hilda Hilst, João Gilberto Noll, Cassandra Rios, among others, that, for a long time, were forgotten by the academic canons, mainly due to the treatment of controversial themes that, nevertheless, are difficult to be addressed by society. In this sense, *Aqueles dois* reflects on the political context the country was going through, a moment of great persecution and mistrust among people, due to the repression of the military dictatorship, creating, through a sensitive and symbolic narrative, a homoerotic relationship marked out by the following axes: the gaze, silence and, finally, solitude.*

Keywords: *Caio Fernando Abreu; *Aqueles dois*; Dictatorship; Homoeroticism; Sexuality; Homoaffection.*

Submetido em: 08 jun. 2023
Aprovado em: 26 jun. 2023

ⁱ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus universitário de Tangará da Serra. E-mail: rodrigo.manoel.professor@gmail.com.

Introdução

Sabe-se que termos como: *homossexual*, *homossexualismo*, *homossexualidade* e outros derivados deste contexto humano e social, surgiram a partir de meados do século XIX, em um momento em que se buscava, de forma empírica, a verdade sobre o sexo e a sexualidade, a fim de segregar os seres humanos que tivessem conduta sexual diferente, ou dissidente da eleita como normal pela moral vigente da sociedade, ou seja a conduta heterossexual.

Desde os primórdios do mundo as relações homoeróticas estão presentes das mais variadas formas. E por que não fazer desta orientação sexual outra maneira de brincar, seduzir, dominar e amar? Os anos de 1960 foram revolucionários para o surgimento de grupos homossexuais que expressavam a uma sociedade desigual que o gay existe e pode viver como um cidadão comum. A partir do século XX a sexualidade torna-se ponto de partida para as discussões de assuntos socialmente polêmicos para a modernidade. Desta forma a sexualidade é uma parte inerente da condição do ser humano, sendo também direito fundamental que o acompanha por toda a sua existência de forma natural e imprescritível. E sendo parte desta condição humana, temos a homossexualidade, que além de uma identidade pessoal é também prazer, sexo, amor e pecado.

Na literatura contemporânea, as abordagens são mais poéticas, e analisar essa produção literária atual significa uma abertura para o entendimento de um campo de discussão que pretende estar presente por um bom tempo em projetos autorais de escritores brasileiros, como também de escritores de outras culturas que investem na escrita homoerótica, por questões principalmente de ordem política e claro de aceitação social das pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+.

A partir dos anos 60, a temática homoerótica se torna mais presente na escrita literária. Porém, no Brasil ela acaba tendo um “inimigo” bem forte e aguerrido, a ditadura militar, que por vezes censurava a publicação de tal escrita. Como se sabe, o aparato de repressão montado pela ditadura civil-militar brasileira, foi dirigido, explícita e predominantemente, contra os que eram considerados “subversivos” e “comunistas”. No entanto, os opressores foram além e exerceram também controle moral e repressão contra os comportamentos sexuais, tidos como “desviantes”, “antinaturais” ou “dissidentes de gênero”. Assim, homossexuais, travestis, prostitutas e outras pessoas consideradas “pregressas”, ou “anormais”, foram alvo de perseguições, detenções arbitrárias, expurgos de cargos públicos, censura e outras formas de violência. Dentre as “vítimas” desse período sombrio da nossa história política temos o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu.

Caio Fernando Loureiro de Abreu nasceu em 12 de setembro de 1948, na cidade de Santiago do Boqueirão, no estado do Rio Grande do Sul. Desde pequeno, já demonstrava uma inclinação para a literatura. Além de escritor, também foi jornalista, considerado um dos maiores contistas contemporâneos do Brasil. Dono de uma obra atemporal, Caio foi agraciado três vezes pelo “Prêmio Jabuti de Literatura”, o mais importante prêmio literário do Brasil. Por meio de uma linguagem simples, coloquial, fluida, transgressora e temas não-convencionais, o autor rompeu com os padrões literários. De sua época, Caio Fernando Abreu foi o que não se podia ser. Homossexual assumido e crítico ávido da ditadura nos anos setenta e oitenta, veio a falecer em 1996, aos 47 anos, vítima de complicações do vírus HIV.

Com uma literatura instigante e de grande valor estético, Caio Fernando Abreu traz em seus contos assuntos importantes para o cenário da contemporaneidade que até então não eram debatidos na literatura canônica. Temas como: homoerotismo, solidão e doenças tabus, são constantes em suas obras. Entretanto, seus textos ainda são vistos com reserva por uma parcela da academia, bem como por uma boa parte da sociedade reacionária e preconceituosa. Mas, a qualidade literária desse escritor e a importância de seus temas fazem com que sua obra resista e com isso coloca em pauta temas caros ao momento atual como a homofobia e a violência causadas por este tipo de preconceito.

Com personagens inclinados as relações homoeróticas, o autor cria um universo literário em que as personagens são hostilizadas, mantidas dentro do que popularmente convencionou a chamar de “armário” para os padrões sociais. Tal situação serve como instrumento de contenção de uma sexualidade e identidade de gênero. Nos contos do autor, os narradores e personagens são, por vezes, transgressores do impedimento de sua liberdade humana. A ditadura e a censura seriam usadas como forma de impedir uma das mais importantes características do ser humano: as identidades, que passam a se tornar motivo de reclusão, medo e inquietação social das personagens.

A narrativa, em Caio Fernando Abreu, é um instrumento discursivo multicultural, no cenário da pós-modernidade, que articula o olhar consumista dos *gays* a vozes de um tempo em mutação, sobre o qual atuam forças políticas e vetores culturais impregnados pela ansiedade minoritária de valorização da "diferença", nos aspectos identitários e culturais. Partindo dessa premissa, este trabalho lerá a construção histórica de determinadas identidades, tais como o homossexual e o gay, tão diferentes como provocantes entre si, e a ilustração, feita pelas narrativas escolhidas, de determinados estados de alma e de corpo (a depressão, a melancolia e a AIDS são os principais) encontradas nas representações identitárias sobre a homoafetividade.

Caio acreditava que a categorização das pessoas enquanto homossexuais reforçava o preconceito existente sobre essas pessoas. Numa carta, ele afirma que se você é sexuado, trepa com homem, trepa com mulher, transa com pessoas, mas quando põe o rótulo homossexual ou bissexual, você reforça preconceitos.

Eu e o outro, o amor de nós dois: A voz na narrativa

O conto *Aqueles dois* foi publicado pela primeira vez no livro *Morangos Mofados* em 1982, livro este que é constituído por dezoito contos, em que quase todos eles, o escritor aborda seus temas preferidos: o estranhamento, a solidão, a dor e o sentimento de marginalização. Mergulhada no espaço contaminado da pós-modernidade, sua narrativa representa seres degradados pelas drogas, paranoias, AIDS, esquizofrenia, desencanto, muita procura e muito desamparo. São vítimas de uma sociedade massificada, dominada pelos símbolos de sua indústria cultural.

Sendo uma obra não-linear. São contos que não apresentam uma cronologia, mas que se interessam em avaliar o estado emocional das personagens das mais variadas formas possíveis. *Morangos Mofados* é estruturado em três partes: “O Mofo”, formada por nove contos; “Morangos”, formada por oito; e um último conto que dá título ao livro: “Morangos Mofados”. Na primeira parte está representada ainda a ditadura militar, o processo de desumanização e asfixiamento da liberdade humana. Esta parte contém narrativas mais sombrias e de caráter crítico elevado. Na segunda parte, “Morangos”, e no último conto, as sementes que frutificam no asfalto, o fio de esperança que diferencia *Morangos Mofados* dos demais livros do escritor. A obra consegue traduzir a atmosfera tensa, de incerteza e agonia vivida na época – entre o fim da ditadura e o início da reabertura política.

Segundo Lima (2007), no conto *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu, o tema homoerotismo é tratado valendo-se de uma linguagem lírica, mais sugestiva do que descritiva, não utilizando do clichê da linguagem crua, ou a obviedade dos detalhes das cenas de sexo. O autor elegeu a homoafetividade como tema constante de sua obra, no momento em que a repressão política no Brasil perdia forças e durante o surgimento da AIDS, doença vinculada, de início por grande parcela da sociedade aos indivíduos que mantinham relações homoafetivas, uma vez que eram consideradas uma prática promiscua e de degradação humana e biológica e, e suas personagens geralmente são sujeitos solitários que existem dentro da solidão urbana e vivem à procura da afirmação, principalmente social e também sexual.

Em linhas gerais o conto reflete a realidade social, cultural e política do Brasil nos últimos anos da segunda Ditadura Militar que o país vivenciou. Expressa o desejo de realizar outro Brasil, afetivamente aberto e cosmopolita, latente e possível, enquanto ainda estava preso entre a persistência da ditadura e a volta da democracia. *Aqueles dois* não contém descrições gráficas e reveladoras de beijos apaixonados, suor, sexo e paixão. Quanto a contato físico, Raul e Saul se limitam apenas a trocar abraços de forma discreta e um ou outro de forma mais apertada (ato comum até entre homens héteros na cultura brasileira e mundial). A narrativa do conto evidencia uma sociedade heteronormativa compulsória que pune os protagonistas, por pensá-los e estereotipá-los como *gays*.

Aqueles dois narra a história de dois rapazes, Raul e Saul que fizeram teste para trabalharem numa empresa, ambos acabam efetivados inclusive para o mesmo setor. Conheceram-se no primeiro dia de trabalho e tão logo que se conheceram trocam apenas algumas poucas palavras para se cumprimentarem, e ficou por isso mesmo. Podemos ler o seguinte trecho:

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os testes. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? Sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo, às sextas, um cordial bom fim de semana, então. Mas desde o princípio alguma coisa - fados, astros, sinas, quem saberá? - Conspirava contra (ou a favor, por que não?). (Abreu, 1982, p. 127).

Já os demais empregados, principalmente as mulheres, acharam a aquisição dos dois rapazes interessante para a empresa, haja vista que eram ambos bonitos, atraentes, discretos e bem-apeoados. Porém tanto Raul, quanto Saul não eram muito de aceitar os convites dos colegas de trabalho para as saídas e eventuais happy-hours, aniversários, festinhas e coisas do gênero. De início eram distantes um do outro, apenas com cumprimentos ocasionais. A conversa de ambos começa a ter outro rumo a partir de uma coincidência ocasionada por um atraso de Raul ao trabalho devido ter ficado durante a madrugada assistindo a um filme na televisão. Saul ficou curioso e quis saber o nome do filme que fizera com que o colega se atrasasse, então ele acabou descobrindo que também já havia assistido ao mesmo filme citado por Raul. Então ambos eram vistos juntos pela empresa com mais frequência, o que chamou a atenção de alguns, que notaram que os dois rapazes andavam muito juntos.

Raul e Saul, são dois homens fechados, que não tem costumes de compartilhar sentimentos ou fatos de suas vidas pessoais, se aproximam lentamente e descobrem inúmeras semelhanças entre si. Tais semelhanças se tornam o instrumento facilitador que desenvolve a amizade duradoura ao ponto de comemorarem natal, ano novo e até mesmo seus aniversários. A narrativa do conto deixa a entender que depois de tantos momentos e segredos compartilhados entre si, desenvolveram algo mais que uma amizade, talvez, apenas uma química, mas nada que os levasse a fazer algo mais que um abraço.

Podemos dizer o que o conto ao mesmo tempo que trata da relação romântica entre dois homens, que configuraria uma relação homoerótica, também trata da não relação entre eles. Já que ambos assumem atitudes extremamente discretas quanto a prática dessa relação amorosa. Grande parte da narrativa se desenvolve de maneira velada e não evidencia a relação amorosa entre as personagens. Notamos um silêncio utilizado como mantenedor dos bons costumes, da moral, já que a narrativa retrata um romance entre dois homens e por ser algo que não é bem visto pela sociedade (como esboçado na trama do conto), os personagens precisam “silenciar” o desejo; seja um silêncio utilizado pela querência da palavra, ou seja, a palavra não esboça a emoção e o silêncio leva-nos a criar formas mais amplas que correspondem a infinidade da emoção, pois entre os personagens existe algo muito intenso e confuso, por isso não se faz possível descrever por meio de palavras o sentimento, a emoção.

O narrador desenvolve a narrativa do conto de forma lenta. É realizada uma descrição nos mínimos detalhes da cena, para que o leitor se aproxime cada vez mais da “realidade” do conto. Numa tentativa de dinamizar a colocação do leitor no lugar das personagens principais. As demais pessoas da firma, principalmente as mulheres que antes dessa amizade entre os rapazes os assediavam, começaram a se afastar e a comentar sobre tal proximidade entre ambos. Comentários muitas vezes maldosos, especulativos e preconceituosos. No conto, o autor deixa implícito a homossexualidade dos dois protagonistas, fazendo parecer um intrínseco relacionamento. No entanto, o autor não descreve tanto o fato, fazendo surgir algumas dúvidas sobre tal característica. Depois de um ano de amizade o chefe de Raul e Saul os chamou para conversar sobre cartas anônimas que diziam coisas como: “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração” e “psicologia deformada”. Todas assinadas por “Um Atento Guardião da Moral”. Tais cartas levaram a demissão dos dois, vítimas de preconceito, que foram acusados de “acabar com a reputação da firma”. E lá foram os dois, embora, juntos, em um táxi. Lê-se na obra:

[...] ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração, comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul colocou-se em pé. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, entre coisas como a-reputação-de-nossa-firma, declarasse frio: os senhores estão despedidos. (Abreu, 1982, p. 134).

Como a passagem é possível constatarmos que Raul registra a indignação da situação no seu corpo ao levantar-se. Até contesta as acusações quando diz a palavra “nunca”, mas os protagonistas carecem de poder para resistir à decisão do chefe e a acatam sem protestos. Talvez por medo ou simplesmente por não quererem dar explicações a quem não as merecia.

Oscar Tacca (1983), em seu livro intitulado *As Vozes do Romance*, assevera que o narrador é quem “traz a informação sobre a história que se narra” (Tacca, 1983, p. 64), que se organiza como uma instância que se situa entre o autor e o leitor virtual, juntamente com o seu destinatário, ou seja, o leitor. Logo, o narrador funciona como eixo do romance, compondo sua única realidade; sua missão e função é contar, sem possuir personalidade própria. O narrador faz uso de um efeito de vozes, as quais ele modula por meio da sua própria, criando um jogo de espelhos. É precisamente por essa complexidade que rege o romance que alguns críticos acreditam que o romance cria a si próprio.

O narrador de *Aqueles dois* possui uma olhar externo, sabendo das encruzilhadas de toda a narrativa, narrando, desse modo, a percepção de cada fato que cerca a história de Raul e Saul.

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do Norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do Norte, do Sul, do Centro, do Leste - e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais, uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade de certa forma, também em nenhuma outra-, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro. (Abreu, 1983, p. 127).

A passagem demonstra essa capacidade do narrador em ser conhecer de tudo que estava a sua volta, trazendo ao leitor uma proximidade com a vida dos protagonistas. Nas palavras de Nádia Battella Gotlib (2006):

A voz do contador, seja oral ou seja escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta— entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões —, que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório. (Gotlib, 2006, p. 13).

Ora, o narrador do conto possui em sua gama de repertório a capacidade de prender a atenção de quem está disposto a ouvir o que se é contado. Ainda para Gotlib (2006), o conto não tem o compromisso com a verdade, ficção e realidade se misturam, tendo graus de proximidade com a verdade ou com a mentira. O que torna ainda mais interessante este tipo de narrativa.

O “armário” social e sexual imposto pela ditadura brasileira

Podemos encarar os textos com temáticas homoeróticas como suscitadores de polêmicas sociais no meio acadêmico e claro no âmbito social como um todo. Uma vez que falar, debater ou em alguns casos até pensar em sexo homoafetivo se configura um pecado por boa parte da sociedade dita como moderna. Lizandro Carlos Calegari (2007), em seu artigo intitulado “*O homoerotismo em Caio Fernando Abreu: a perspectiva queer em Morangos mofados*”, assevera o seguinte:

Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu, foi publicado em 1982. É nessa época que aquela geração iniciada nos anos 1960 encontra seu clímax e coloca no papel as suas histórias de conquistas. O erotismo feminino, o alargamento das metrópoles que fornecem cenários para as aventuras do corpo, o contexto urbanizado que faz emergir a problemática homossexual – tudo isso propicia temáticas, situações e detalhes que encontram na antologia de contos do autor sul-rio-grandense em questão um lugar de representação. Assim, astrologia e cocaína, poesia e delírio, tango e rock’n’roll, adolescentes, comunistas, loucos, ciganos, psicanalistas, hippies e homossexuais – entre mofo e morango – esses elementos se mesclam e propiciam uma avaliação do referido momento histórico. (Calegari, 2007, p. 03).

Trazendo em sua escrita de forma primorosa o interior dos indivíduos e as relações problemáticas que os envolvem na sua construção e conduta social, Caio Fernando Abreu reproduziu as decepções dos jovens que sofreram as consequências da repressão da época da ditadura militar. Repressão esta que permeou por vários aspectos de uma sociedade marcada e estigmatizada. À vista disso, além de ser pertinente abordar o panorama de sua vida, sua época e sua obra, é indispensável verificar a relação dos seus textos com o momento histórico

e a sua grande contribuição para a representação do indivíduo brasileiro das últimas décadas do século XX.

Luana Teixeira Porto (2005), quando analisou contos do livro *Morangos Mofados*, aponta um distanciamento entre o mundo projetado pelos personagens e o vivido por eles. Além disso, para a autora, a melancolia dos contos —é consequência de experiências problemáticas e conflitos da sociedade brasileira (Porto, 2005), muitas delas vividas pelo autor, o que os torna carregados de uma realidade densa e espantosa.

Além das repressões sofridas por homens que eram considerados suspeitos de amarem outros homens, o conto em análise serve para corroborar com a complexa política de censura imposta pelo segundo período da ditadura brasileira, no qual a tolerância ao indivíduo homossexual ainda era tênue. Por exemplo, Trevisan nota um forte ressurgimento de intolerância moralista, oficializada pelo Estado, coincidentemente, ou não em 1982, ano em que *Morangos mofados* foi publicado. Como “as elites brasileiras sempre se apresentaram muito defensivas e, por isso mesmo, vulneráveis ao fantasma do desejo desviante” (Trevisan, 2018, p. 155), Trevisan argumenta que as práticas homossexuais foram um alvo de repressão ao longo da história brasileira, inclusive nos últimos anos da Ditadura Militar.

O conto *Aqueles dois* tem um tom não somente testemunhal, sobre o período em questão, mas também profético para um futuro que estava latente. Ainda que os protagonistas encontrem a paz e a segurança na intimidade de seus próprios quartos, a promessa de encontrar a justiça e a liberdade fora desses espaços ainda fica muito aquém, mesmo depois do fim oficial da Ditadura Militar, em 1985. Enquanto a sociedade brasileira ainda continua em transição, a obra de Caio Fernando Abreu nos transporta para o mundo e para o poder das artes, não somente para denunciar seu legado no presente, mas também para nos inspirar a continuar imaginando um mundo mais humano, interconectado e afetivo para o futuro das pessoas em geral.

Para Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2004), o preconceito pode ser geralmente expresso por meio de ofensas que ferem profundamente os outros, como, por exemplo, classificar, nomear e chamar um homossexual de “bicha”, “viado”, “gay” ou “mulherzinha”, entre outros adjetivos e predicados pejorativos e estereotipados, que possuam o objetivo de estigmatizar a imagem e a identidade sociocultural de um determinado grupo ou indivíduo.

Já a discriminação refere-se mais especificamente ao tratamento de forma desigual de pessoas, por meio de ações concretas e/ou comportamentos, que se baseiam em diferentes âmbitos da vida social, com o objetivo de restringir “o seu amplo e líquido direito constitucional e legal à isonomia de tratamento”. É justamente em decorrência do preconceito

e da discriminação que os dois personagens homossexuais não recebem isonomia de tratamento, como ocorre aos casais heterossexuais. Considerando o conto de Caio que está em debate neste artigo, se fosse um “casal” heterossexual, eles são seriam demitidos da empresa por estarem num suposto envolvimento amoroso.

Homossexualidade, conceito e debate

O erotismo trata da experiência da atração sexual e da descrição dos atos e afetos ligados a esta atração. É uma conduta que socialmente passa por alguns percalços e tabus. E quando travamos diálogos que partam do debate do homoerotismo é o ato do indivíduo sentir essa atração citada anteriormente por pessoas do mesmo sexo biológico que o seu. Em contrapartida, sexualidade é um termo historicamente construído com pretensões à cientificidade e à codificação moral criada pela ciência desde o século XVII, início da Idade da Repressão.

[...] persistir usando tais noções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nomenclatura preconceituoso que classifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico. (Foucault, 1988, p. 11).

Assim, o conceito de homoerotismo representa melhor as experiências afetivas destes sujeitos e, eticamente, contribui para o combate ao preconceito e à intolerância, e a toda violência que tenta reprimir esta forma de manifestar o amor, tão velha quanto a humanidade. Uma vez que tais relações homoeróticas já aconteciam na sociedade desde os primórdios da civilização. Inclusive entre os ameríndios sempre teve o entendimento de um gênero neutro na tentativa de entender socialmente os indivíduos que sentiam atração por pessoas do mesmo sexo biológico que o seu.

A prática do homoerotismo era moralmente aceita como “normal”, natural e até mesmo edificadora na Grécia antiga, bem como Roma e outras civilizações antigas, onde os jovens que possuíam tal natureza eram considerados os únicos verdadeiros servidores do Estado. Estes jovens eram iniciados pelos sábios pederastas que em troca da de suas belezas ofereciam conhecimento. (Platão, 2002).

Aqueles dois não somente evidencia de forma sugestiva e velada a atração homoerótica entre os protagonistas, Raul e Saul, mas também torna enriquecedor a simbologia que os espaços públicos e íntimos partilhados e compartilhados pelas personagens

principais do conto assumem. Especificamente, quando nos voltamos às referências ao quadro *Quarto em Arles*, de Vincent Van Gogh, no quarto de Raul, que de certa maneira reforçam o senso de segurança e tranquilidade que os protagonistas gozam enquanto estão juntos em casa, e a salvo do olhar crítico e preconceituoso das pessoas. Segurança essa que estava em falta num período em que o Brasil vivia rodeado pelas severas regras e paradigmas da ditadura militar. Assim, o conto atesta a homofobia como legado da ditadura durante o período da transição, e continua sendo uma leitura relevante na atualidade, a fim de resgatar os efeitos na sociedade de outrora.

Outro fato relevante com relação ao conto é que ele demonstra a sutileza que autor precisou ter ao construir a ambiguidade e a ambivalência do relacionamento/amizade dos dois protagonistas. Diante da suspeita de que eles estivessem mantendo um relacionamento romântico, os dois jovens são despedidos da firma onde trabalhavam, situação essa que ainda ocorre no Brasil, onde ser homossexual parece ainda, aos olhares de muitos, um pecado. O conto recorre, nas entrelinhas, a referências à arte, poesia, música e cinema - notavelmente do exterior - para comunicar-se com um público leitor criativo, culturalmente informado e capaz de ligar os pontos entre texto e intertexto.

Além de reforçar a temática homoafetiva do conto, os intertextos de *Aqueles dois* representam refúgios imaginários da vida cotidiana da empresa em que trabalhavam os protagonistas. Eles não se veem representados na cultura nacional massificada dos seus colegas de trabalho, mas sim em outras culturas distantes da ditadura brasileira. Deste modo, as referências intertextuais permitem que Raul e Saul fujam da “aparente mediocridade e repressão” da nação, alegorizadas pela mediocridade e repressão da empresa.

Considerações Finais

Nas últimas décadas, assim que surgiram os múltiplos movimentos de reivindicações de direitos das minorias, houve o recrudescimento de uma onda de conservadorismo em todos os setores da sociedade ocidental e em todas as áreas do conhecimento. E, o resultado foi uma avalanche de manifestações de intolerância ideológica, religiosa e política, que se reflete também na intolerância a comportamentos vistos como abusivos e não naturais. Pensar as questões de gênero, agora, deixou de ser mera veleidade pós-moderna para se tornar, mais do que nunca, uma questão política, ideológica e social da mais alta importância para o desenvolvimento cultural da humanidade.

Travar diálogos acerca das relações homoeróticas vem deixando de ser algo anormal e faz com que as pessoas consigam ter um respeito maior pelas pessoas da comunidade LGBTQIA+. Mas claro que ainda precisamos percorrer um longo caminho pela total aceitação social desse tipo de amor e relação. O papel da literatura em trazer à baila esses diálogos, debates e discussões ultrapassa o sentido artístico e cultural, ela assume um papel social em contribuir para uma sociedade mais aberta e igualitária no que tange o direito se expressão amorosa individual. No conto *Aqueles dois*, tal discussão é trazida por Caio Fernando Abreu de forma singela e natural para que a sociedade perceba que as relações homoafetivas estão presentes em todos os âmbitos e que nem mesmo a repressão da ditadura foi capaz de calar a manifestação do amor quando o mesmo é verdadeiro e sublime.

Referências

ABREU, C. F. *Morangos mofados*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ABREU, C. F. *Contos Completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALEGARI, L. C. (2007). Literatura e homoerotismo: a perspectiva queer em Morangos mofados de Caio Fernando Abreu. *Luso-Brazilian Review*, Madison, WI, v. 44, n. 2, p. 117-133. Disponível em: <<http://lbr.uwpress.org/content/44/2/117.abstract>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCONI, R. A. *Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 1997.

GARCIA, W. *A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo*. São Paulo: Pulsar, 2000.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

GUIMARÃES, A. S. A. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Editora 34, 2004.

INÁCIO, E. da C. Homossexualidade, homoerotismo e homosociabilidade: em torno de três conceitos e um exemplo. In: SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (orgs.). *A Escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Xamá Editora, 2002. p. 59-70.

LIMA, L. C. Respostas de Luiz Costa Lima. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 fev. 2014. *Ilustríssima*. Disponível em: <<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/02/1415832-respostas-de-luiz-costalima.shtml>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

MAIA, H. T.; SILVA, S. L. da (orgs.). *Dissidências de Gênero e Sexualidade: percepções da crítica literária brasileira*. 1. ed. Salvador: Editora Devires, 2021.

PLATÃO. *A apologia de Sócrates/Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

PORTO, L. T. et. al. *Literatura e história em O mar mais longe que eu vejo, de Caio Fernando Abreu*. Revista Ideias, Santa Maria, 2002. p. 60-64.

SILVA, S. L. da. “*Hei de confessar-te um dia o meu desejo*”: o romance homoerótico brasileiro contemporâneo e a estética da absolvição. 2019. 151 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Linguagem) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, 2019.

THOMÉ, R. *Eros Proibido: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural Editora, 2009.

TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.